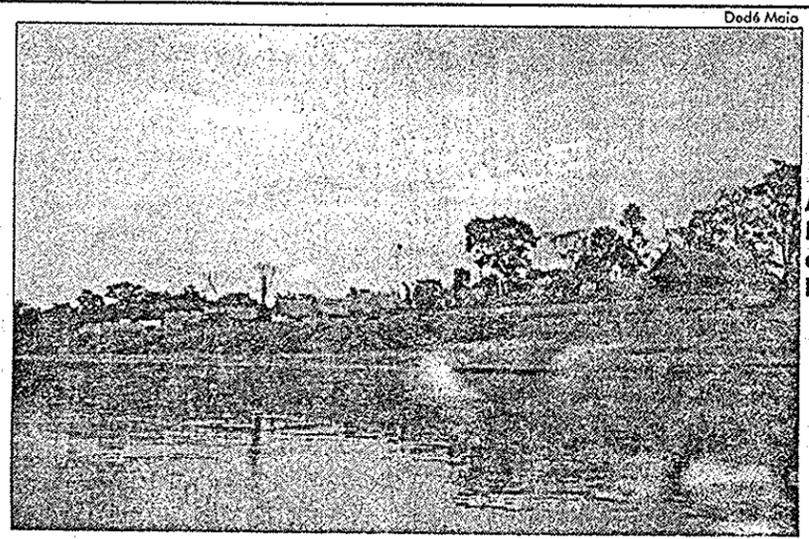


ESPECIAL

PAPPO DE ÍNDIO

Txai Terri Valle de Aquino e Marcelo Piedrafita Iglesias



Aldeia Kaxinawá do Rio Purus

Papo sério sobre uma história torta

Francisco Lopes Pancho, especial para o Página 20

Para início de conversa não é papo de índio. É papo de índia dessa grande aldeia acreana.

Aproveitando a deixa da nossa competente professora Nictta Monte, que esta semana viajou para o Maranhão, a fim de participar do 47º encontro do SBPC, e a ausência (saudosa) dos meus queridos Txais: Terri, que também foi participar do SBPC e Marcelo, o qual mercadamente saiu da roda do papo para umas curtinhas férias. Trago esta semana um PAPP SÉRIO SOBRE A HISTÓRIA TORTA, que os povos indígenas, incansavelmente, ao longo dessa triste e massacrante trajetória do contato, tentam corrigir.

Esse papo foi levado durante minha última viagem (maio/junho-95), de assessoria às escolas indígenas Kaxinawá do Alto Purus e que são realizadas sistematicamente pela CPI-AC. Como uma das atividades de linguagem a serem trabalhadas com professores indígenas e alunos, levamos vários textos. Após a leitura e interpretação desses textos, professores, alunos e até alguns caciques interessados, expressaram, através da escrita, suas opiniões sobre cada assunto discutido. Entre eles, um recorte do jornal Folha de São Paulo, datado do dia 5 de maio de 1995, com o título: GOVERNO ESTUDA REDUÇÃO DE ÁREAS INDÍGENAS.

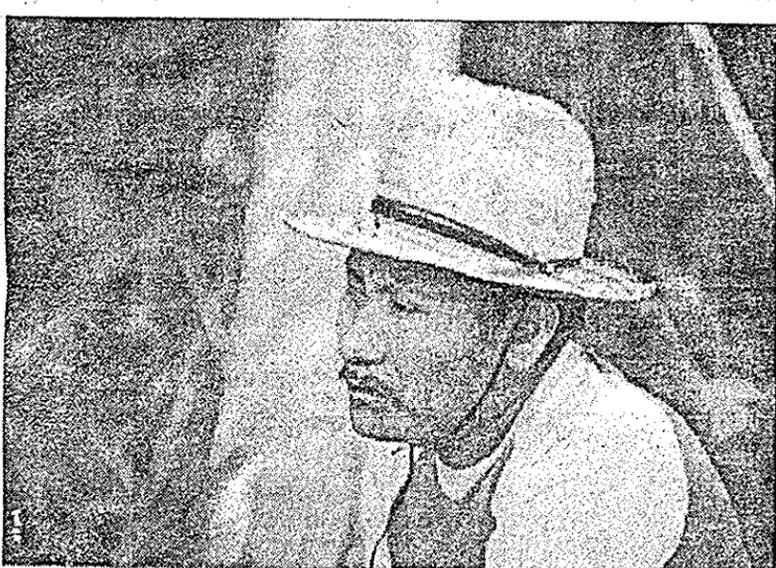
Essa matéria falava da intenção do governo Fernando Henrique Cardoso em querer rever as demarcações das terras dos índios, tendo o apoio do ministro da justiça, Nelson Jobim, o qual é o responsável pela preparação "legal" dessa revisão, como também de alguns parlamentares da região norte que têm interesses ambiciosos nesta floresta de jóias.

Contestavam ali, o Decreto Lei nº 22/91, que regulamentou o processo de demarcação das terras indígenas "argumentando a necessidade" do governo ouvir durante esse processo, os fazendeiros, os garimpeiros... Acusavam ainda, de mentirosas as Entidades que apoiam as populações indígenas, os profissionais (antropólogos) responsáveis pelas identificações das terras dos índios, os documentos que relatam a verdadeira história de luta desses povos da floresta e legitimam os seus direitos.

Bem... Embora eu tenha minha opinião sobre esta HISTÓRIA TORTA, o papo agora não é o meu. Faço aqui a minha parte de repassá-lo a você leitor dessa terrinha, quem sabe leitores de outros Estados e até de além-mar, para que tomem conhecimento do que o índio pensa a respeito dessa desrespeitosa HISTÓRIA TORTA, que vem em nome das reluzentes coroas de Portugal.

Agora o papo é de índio e é muito sério. (Dedê Maia)

Meu nome é Francisco Lopes, mas todo mundo me conhece como Pancho. Nasci no meio do mato. No tempo, como brabo... Menos civilizado né? Hoje estamos civilizados né? O



O autor Francisco Lopes Pancho, índio Kaxinawá

lugar era kaitá... Shubuã na língua indígena grande. Ficava entre a cabeceira do Rio Envira e a cabeceira do Rio Purus, afluente do Rio Curanja. Foi nesse meio que eu nasci. Com a idade de cinco anos, minha se família mudou para o Simpatia do Envira. Hoje estou com cinquenta e sete anos. Quando minha família foi para o Simpatia, o pessoal todo se dividiu. Uns foram para o Jordão. Outros foram para o Murú... Purus... Tudo isso é minha família. Os caucheiros, os seringueiros deixaram os índios assim, como sem rumo certo.

Lutamos muito para organizar o nosso povo

garantir um pedaço de terra para criar nossos filhos. Agora vem a notícia que o governo quer diminuir as terras dos índios.

O governo não está sabendo como nós vivemos. O ministro Nelson Jobim não anda para cá. O governo não anda para cá. Então como é que ele não acredita que tem muito índio precisando de terra? Tem que acreditar. Tem que acreditar nos ajudantes dos índios. Porque nossos assessores são os ajudantes dos índios. São quem estão aqui com a gente. Nos ajudando. Trabalhando com os índios. A Entidade do governo não anda. Esta semana veio um chefe de posto da FUNAI aqui. O Joel e a professora Área. Nem subiu o porto para falar comigo na minha casa. Não pergunta nada. Não ensina nada.

Eu perguntei a ele o que ele veio fazer. Ele disse que veio assessorar. Deixou um pouquinho de medicamento e foi embora. A professora que andava com ele nem subiu até a escola. É assim. A Entidade que anda em área indígena é quem sabe.

Ele é que conversa com índio. Ele é quem está fazendo matéria. Ele é quem está vendo, está conversando com índio, com o próprio cacique, com o próprio índio.

O governo, os ministros não podem mexer mais com os índios. eles já diminuíram muito as nossas terras. Já matou muito. Ele precisa entender que nós também apoiamos para ele ganhar o governo. Por que tem muito índio que vota também. Então ele tem que apoiar o índio

luta com seus parentes, com os filhos. Estou com 32 anos de cacique e não é só 32 dias não. Estou ficando velho de tanta luta. Como o governo até hoje não enxerga ainda as comunidades indígenas? Tem que enxergar. Invasão não pode mais aparecer dentro de nossas terras. O Exército, a Polícia Federal só pode entrar em nossas terras se nós índios precisar, chamar, não pode chegar assim sem avisar. A área indígena é a casa do índio. Entrar para diminuir terra, invadir, não pode. Índio não concorda. Eu sou cacique, estou falando: Respeito e calma. Nós índios não queremos isso. Queremos trabalhar, produzir e criar nossos filhos e nossos netos. Será que o governo pensa que nós vamos morrer? Que o

índio vai acabar? Nós vamos morrer sim. Todo mundo morre. Mas, tem os filhos, os netos, nossa população está aumentando a cada ano. Não mexa mais por favor com nossas terras. As autoridades, os grandes têm que reconhecer o índio e defender também. Acredite nas nossas Entidades que trabalham com os índios. No Alto Purus, os índios elegeram o prefeito de Santa Rosa. Aqui tem mais população indígena de que o branco. Então, o prefeito tem que trabalhar para ajudar os índios, também. Não pode agora querer diminuir as nossas terras. não pode ficar brigando com nossos amigos Kulinas. Tem que ajudar. Se brigar com os Kulinas, briga com os Kaxinawas, também. Porque aqui nós estamos unidos.

O governo tem que reconhece todas as áreas indígenas. Não só o Alto Purus. É toda área indígena. Porque o índio é o brasileiro legítimo. Quando descobriram o Brasil, aqui na terra, índio já estava morando. Índio estava lutando, botando roçado, criando os filhos e netos, trabalhando. Então, branco chegou e começou a invadir. Nos misturamos um pouco. Estamos aprendendo ainda. Então essa parte do governo tem que entender ainda. Invasão já chegou. Não pode mais invadir. O que está feito não pode ser mais mexido. Se quiser conseguir terra para o fazendeiro, garimpeiro... O Brasil é grande. A terra é grande. Vai escolher a onde não tem ninguém. Essa parte eu não concordo. O governo não pode ordenar o fazendeiro, o garimpeiro dar palpite dentro de área indígena não. Chega de invadir.

As terras que deram para os índios ainda são muito pouca.

ÁREA INDÍGENA DO ALTO PURUS

Na Área Indígena do Alto Purus é onde Pancho mora com sua família e seus inúmeros parentes.

Localizada entre os municípios de Santa Rosa e Manuel Urbano, ela tem hoje uma população estimada, entre Kaxinawa, Kulina e Jaminawa, nações que habitam e dividem esse pedaço de chão que a HISTÓRIA TORTA lhes legou como direito, em 2.128 índios.

Só recentemente, entre os meses de fevereiro e março (95), foi demarcada, encontrado-se porém a sua homologação ainda em processo.